



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8135 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 20 - Psicologia da Educação

**O BRINCAR DA CRIANÇA DE SEIS ANOS NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM DIÁLOGO COM HENRI WALLON**

Shirlei Nadaluti Monteiro - PUC-SP/PPGE Psicologia em Educação - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Laurinda Ramalho de Almeida - PUC/SP PPGE Psicologia em Educação - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

**O BRINCAR DA CRIANÇA DE SEIS ANOS NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM DIÁLOGO COM HENRI WALLON**

Este trabalho é um recorte de pesquisa realizada em 2018, que teve como objetivo geral investigar as concepções de professoras sobre a criança de seis anos no Ensino Fundamental, e como objetivos específicos: identificar quais ações pedagógicas são realizadas a partir dessas concepções; evidenciar se as professoras que lidam diretamente com essa faixa etária levam em conta as características desse período de desenvolvimento.

A produção de informações foi norteadada pela análise das concepções de quatro professoras que atuam no 1º ano do Ensino Fundamental, em uma escola da rede pública de São Paulo, a partir de entrevistas semiestruturadas. Da análise emergiram categorias e este recorte traz a discussão sobre a concepção de brincar na perspectiva da teoria psicogenética de Henri Wallon (1879-1962), autor de uma teoria de desenvolvimento humano, que apreende o homem de forma completa e contextualizada em seu meio social e físico.

Para a discussão, foram utilizados textos do próprio autor, Wallon (2007, 2008) e de seus estudiosos como Mahoney e Almeida (2012), e Dantas (1992).

Fundamentadas na teoria de Wallon, Mahoney e Almeida (2012) apresentam os estágios de desenvolvimento propostos pelo autor: o Impulsivo e Emocional, o Sensório-Motor e Projetivo, o Personalismo, o Categorical, a Puberdade e Adolescência e a idade adulta.

Com base na teoria walloniana, as referidas autoras advertem que no estágio Categorical uma nova estrutura mental se organiza e o estágio é marcado por duas etapas: a primeira que vai até por volta dos nove anos, correspondendo ao pensamento chamado pré-categorical e a segunda, entre os nove e onze anos, já pensamento categorial, que junto ao pré-categorical, caracteriza a inteligência discursiva.

Inserida nessa primeira etapa do estágio Categorical, a criança de seis anos precisa de liberdade para, por meio da brincadeira, da imitação e do simulacro, interpretar o mundo ao

seu redor e se aproximar de novos signos, o que lhe permitirá ampliar conhecimentos e aprendizagens.

Sobre o brincar, as quatro professoras o definem como algo bom para as crianças, um momento de alegria e distração. Revelam que as crianças verbalizam a alegria, quando ele é proposto. Muito embora em seus discursos as palavras *brincar*, *lúdico*, *brincadeira* apareçam inúmeras vezes, o brincar ao qual se referem, está relacionado quase sempre a jogos dirigidos com regras e de tabuleiro, com o objetivo claro de aprendizagem de conteúdos.

As professoras revelam o seu entendimento sobre a importância do brincar, entretanto, enfatizam que é preciso vencer os conteúdos de alfabetização, por isso o brincar livremente acontece apenas uma vez por semana. Admitem o brincar diariamente, porém, de forma dirigida.

Segundo Wallon, a passagem entre o ato motor e a representação é possibilitada pela imitação, que se inicia por volta de um ano e meio, e no processo de desenvolvimento vai se transformando.

Assim, a partir dos seis anos a imitação se torna racional e refletida. Os interesses diferidos substituem-se gradualmente aos interesses imediatos. A criança imita para conquistar a afeição, para obter uma recompensa ou um gesto de afeição. (WALLON, 2008, p. 145)

Entre a imitação e a representação pode introduzir-se o simulacro “mas o simulacro, embora permanecendo ligado a objetos materiais pode emigrar para o plano dos símbolos” (WALLON, 2008, p.162). As constantes imitações e simulacros acontecem na brincadeira. Para o referido autor, brincar é um meio de se desligar das atividades exógenas.

Só há brincadeira se houver satisfação de subtrair momentaneamente o exercício de uma função às restrições ou limitações que sofre normalmente de atividades de certa forma mais responsáveis, ou seja, ocupam lugar mais eminente nas condutas de adaptação ao meio físico ou ao meio social. (WALLON, 2007, p. 59)

Aos seis anos, apesar de haver diferenças individuais, a criança apresenta uma autodisciplina mental ainda em construção: a criança não consegue manter sua atenção na atividade proposta e volta-se para outras atividades, nesse caso para brincadeiras ficcionais.

Com a ficção introduz-se na vida mental o uso dos simulacros, que são a transição necessária entre o índice, ainda ligado à coisa, e o símbolo, suporte das puras combinações intelectuais. Ajudando a criança a transpor esse limiar, a brincadeira cumpre um papel importante em sua evolução psíquica. (WALLON, 2007, p. 63-64)

Ela diverte-se com a imaginação, por isso os brinquedos que mais lhe agrada não são os realistas, que limitam a sua fantasia, e sim, aqueles sobre os quais pode criar livremente. Quanto menos se parecem com o objeto real, mais livre se sente a criança para fantasiar.

O simulacro, com efeito, já não é mais o próprio objeto. Ele é o substituto do objeto, substituto ora mais semelhante, ora mais estilizado, de intenção ora mais prática, ora mais lúdica ou estética. Mas ainda se liga ao objeto de maneira bem concreta através da ação que torna como que concreto o objeto para o qual ele tende. [...] Na evolução mental da criança ele ocupa também um lugar importante junto com tantos jogos que se inspiraram unicamente nele. (WALLON, 2008, p. 177-178)

O brincar se confunde com a própria atividade infantil, enquanto essa permanecer espontânea e não dirigida pelos objetos das disciplinas educativas. Dessa maneira, a imitação, que se desenvolve no plano motor, passando pelo simulacro, contém em si o gérmen da

representação, para a criança operar no plano das imagens e dos símbolos, e à medida que a representação nos simulacros vai evoluindo, necessita cada vez menos do movimento; “a motricidade em sua dimensão cinética tende a se reduzir, a se virtualizar em ato mental” (DANTAS, 1992, p. 38)

Entretanto, sobre o brincar livremente, defendido por Wallon, como possibilidade capaz de oferecer um campo fértil para que os simulacros e as imitações possam acontecer no ambiente escolar, colaborando com o desenvolvimento integral da criança, as afirmações das professoras indicam que poucas oportunidades são oferecidas às crianças para vivenciá-lo, apontando dificuldades para isso.

O principal motivo apontado é a organização estrutural do Ensino Fundamental, cuja lógica está na segmentação dos saberes, na organização dos tempos por meio de grade curricular, nos horários rígidos e nas longas horas passadas dentro das salas de aula.

As falas das professoras evidenciam a necessidade de formação que lhes permita conhecer a lógica da Educação Infantil para imprimirem no trabalho que desenvolvem com a criança, continuidade e não ruptura, até porque o desenvolvimento infantil se dá num *continuum* e não se interrompe na passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. É preciso enxergar a criança de seis anos nesse aluno que frequenta o 1º ano, proporcionando oportunidades para que ela se desenvolva integralmente, isto é, nas dimensões motora, afetiva e cognitiva. E o brincar é um dos caminhos para esse desenvolvimento.

Palavras-chave: Alunos de seis anos; Henri Wallon; Ensino Fundamental; Brincar;

## REFERÊNCIAS

DANTAS, H. Do ato motor ao ato mental: a gênese da inteligência segundo Wallon. In: DE LA TAILLE, Yves de *et al.* **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus, p. 35-44, 1992.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. (Org.). **Henri Wallon: Psicologia e Educação.** São Paulo: Edições Loyola, 2002/2012.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança.** São Paulo: Martins Fontes, 2007

\_\_\_\_\_. **Do ato ao pensamento: Ensaio de psicologia comparada.** Petrópolis: Vozes, 2008.